

muitos morreram, vítimas de tanto padecer, outros adquiriram moléstias incuráveis". Se, durante a rebelião, como acentuou Edison Carneiro, os presos chegavam ao Recife "atados com cordas" ou "acorrentados", cessado o movimento, eram "publicamente chibatados" no Quartel de Polícia, como Luís José da Cruz e Serafim José, elementos populares da *Praia*. Foram detidos militares, jornalistas, deputados, artífices, padres⁽¹⁰⁷⁾.

Os elementos menos qualificados, e até alguns dos qualificados — cerca de dois mil — foram recrutados. Urbano Sabino escreveu que "nem era preciso ser rebelde; todo praieiro era recrutável". O policial Figueira de Melo mencionou que, assim, "se livrava a província de perversos, vadios e desordeiros de profissão, que haviam sido seu flagelo durante o pesado domínio da facção praieira". A 17 de agosto de 1849, os rebelados foram julgados por tribunal presidido pelo juiz José Tomás Nabuco de Araújo, tendo como promotor Francisco Xavier Pais Barreto; nove foram condenados à prisão perpétua — Lopes Neto, Vilela Tavares, Abreu e Lima, Pessoa de Melo, Pereira de Lucena, Leandro César, Feliciano dos Santos, Feitosa de Melo e Borges da Fonseca. Foram enviados para Fernando de Noronha; ali, Borges da Fonseca sofreu ainda discriminação, sendo colocado na ilha Rata por dez meses. A anistia alcançou-os, por decreto de 28 de novembro de 1851. A reação conservadora considerava consolidado o seu domínio na província; às eleições de 1849, após a terrível repressão, não haviam concorrido os eleitores da *Praia* — às suas vésperas, Recife estava "convertida em um vasto acampamento militar, levantadas barricadas de guerra em todos os distritos, e derramada a força material por todos os pontos da cidade"; a vitória conservadora fora assegurada, mas o governo tivera de "conciliar uma luta de sangue, para extorquir um triunfo que nunca obteria pelos meios legais".

A imprensa liberal, desaparecida quando da luta armada, voltou, pouco a pouco, a circular. Antônio Vicente do Nascimento Feitosa faria divulgar *O Macabeu*, ainda em 1849, entre 4 de julho e 11 de dezembro; em seu quarto número escreveria: "Sim, somos mulambos, e seremos tudo

(107) "A repressão policial atingiu alguns frades, em geral franciscanos, como frei Lourenço da Divina Pastora e como frei Francisco, apelidado o *camarão grande*, que acompanhava o Exército Liberal quando da segunda tomada de Goiana, e muitos padres. O deão Francisco de Farias, lente do Seminário e deputado geral, pronunciado como cabeça da rebelião, estava foragido, mas a polícia conseguiu deter os padres Leonardo João de Grego, o coadjutor de Una, João da França Câmara, José das Candeias e Melo, Vicente Ferreira de Albuquerque, Basílio Gonçalves de Luz, o Vigário Joaquim José de Azevedo, João Gomes de Santana Marreca e João Herculano do Rego. Esses sacerdotes continuavam a tradição das revoluções de 1817 e 1824, seguindo o exemplo dos padres Roma, João Ribeiro e Miguelinho e de frei Caneca, na defesa dos direitos do povo". (Edison Carneiro: op. cit., pág. 150).